N. 143 Ovar—Domingo 21 de Abril de 1889 3.º anno

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
rua d'Arruello n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60
a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs
linha.
Repetições..... 20 rs. a linh
Annuncios premanente 5 » »
Folha avulsa..... 40 r

Nas ancias

Parece incrivel que haja tão pouca vergonha, tanto descaramento no ministerio e nos seus defensores! Elles sabem perfeitamente que ninguem se deixará illudir com a defeza, que pretendem engendrar: elles sabem que a tramoia dos 449 contos está definitivamente julgada na opinião publica, e contudo atrevem-se a protelar a discussão, esperando assim ganhar tempo, cansar pela demora.

E' em vão que o ministerio procura prolongar a sua triste e deshonrosa existencia. A cada passo que dá levantam-se-lhe novos obstaculos, novas questões importantissimas, capazes, cada uma de per si, de o subverter, muito embora a corôa lhe dê toda a força possivel, ainda mesmo inconstitucionalmente.

Agora, quem tiver de apreciar a marcha governativa, não pode separar a interferencia e responsabilidade da corôa, da responsabilidade dos actos do ministerio. São duas entidades que hoje se completam, se auxiliam mutuamente. Combatendo a opinião publica, moralmente vencidos nas revoltas populares, os ministros appelam para o rei, escudam-se com elle, e d'algumas vezes, como na da tramoia dos 449 contos, deixam-no por tal forma a descoberto que parece ser o sr. D. Luiz o mais culpado e o unico interessado no negocio. Por medo ou conveniencia, é facto que o sr. D. Luiz acceita o papel que os seus ministros lhe distribuiram, como bem se mostra na resposta dada á commissão dos negociantes de vinhos do Porto.

Embora ligados, ministerio e rei teem fatalmente de obedecer ás indicações da opinião publica, sob pena de comprometter gravemente as instituições.

O ministerio não é somente accusado de ser perdulario ou mau administrador, é accusado tambem de ser connivente em um roubo, de dividir pelos amigos os bens da nação. A opinião publica concita-se, exige a demissão dos corruptos, dos delapidadores; porque as accusações estão por demais provadas e não se compadecem com palliativos.

A' intimativa do povo os ministros respondem fugindo do parlamento, unico, por emquanto, tribunal que os pode julgar: fogem mandando aos seus amigos que fujam tambem para que o tribunal não possa funccionar. Estes ridiculos expedientes em vez de accalmar a indignação publica atiça-a: em vez de encobrir o ministerio expõe claramente o seu procedimenlo ignobil. Por isso o povo, que não pode fazer ouvir a sua véz na camara, a não ser por meio de representações, vem para a rua acclamar enthusiasticamente os accusadores do governo, lavrando assim um protesto vehemente contra a politica de tricas que a cada momento o ministerio se soccorre.

A manifestação expontanea de terça-feira mostra bem que o povo não é indifferente á marcha dos negocios publicos. Ainda bem.

Alguma cousa pode contrabalançar a força da coroa manietada e das maiorias iguaras e subservientes. O povo vindo assim em auxilio dos que tem pugnado valentemente em prol dos seus interesses, alenta os que combatem, da-lhes novas forças para a lucta em que se acham empenhados.

Que faz o ministerio em face d'estes significativos protestos? Deixa-se ficar mudo e quedo, gozando d'um pequeno periodo de paz relativa—o addiamento das camaras durante os dias santos. Em outros tempos ainda recommendava. por grande preço, manifestações em sentido contrario para ao menos cohonestar a sua permanencia no poder; hoje nem para tanto se sente com forças. Aquillo não é um ministerio. é uma sanguesuga que silenciosamente vae absorvendo o dinheiro da nação. *Fica*, sugando.

*

Ainda a tramoia dos 449 contos não está bem elucidada, e já no Porto se levanta a opinião publica contra o ministerio por causa do contracto ultimamente celebrado com a companhia vinicola do norte.

Em face dos passados protestos e reclamacões dos negociantes de vinhos do Porto o ministerio teve de engulir o primitivo contracto, não obstante as asserções e valentias do presidente de conselho de ministros, que chegou a ameaçar os negociantes de lhes applicar a massagem e sangria. Então a coroa poz-se definitivamente ao lado dos ministros; e nem esta teve a força bastante para reagir contra á greve e quasi revolta.

Principiaram as negociações entre as duas partes contendoras, servindo de intermediario o sr. José Luciano, e, como não chegassem a um accordo resolveu-se finalmente que a nova companhia se deveria constituir sob as bases da lei geral, sem privilegios ou garantias que não podessem ser concedidas sem approvação do parlamento a qualquer outra companhia.

A palavra do ministro era garantia e por isso os commerciantes descançaram. Não sabiam elles que o sr. José Luciano costuma esquecer facilmente o que promette. Extranharam portanto o novo contracto, que se não é a reproducção do antigo, encerra clausulas muito mais nocivas que as anteriores, concede outros muitos previlegios.

A reacção contra a prepotencia e vilania do ministerio brotou desde logo. Os negociantes reunidos enviaram os seus protestos, ás camaras, tendo-se já antes dirigido ao rei a pedir providencias.

O Porto primou sempre em ser demasiado attencioso para com a familia real. E embora não fosse affectuoso o accolhimento que o sr. D. Luiz fez á commissão do commercio d'aquella cidade, procura o commercio esgota antes de tudo os meios legaes para fazer valer os seus direitos offendidos. Depois d'isso, depois do rei e do ministerio terem despresado os seus pedidos, não terem attendido ás suas justas reclamações, o que se seguirá?

E' mais uma duvida para o ministerio resolver.

A questão medica

A verdada é que os homens collocados entre a espada e a parede pretendem deslocar completamente a questão medica.

Não discutem o accordão de 26 de fevereiro, nem querem saber d'elle—dizém.

Mas não era precisamente o accordão e os effeitos que d'elle immediatamente provinham que se estava discutindo? Não propalavam o Cunha e companheiros que o snr. dr. Almeida, em vez de nos tribunaes ter encontrado completa reparação, fôra antes condemnado, nada obtendo do que pedia? Isto era o que se discutia, e tanto que transcreveram o accordão, disseram que a suspensão continuava indefenidamente, e que muito bem andara o enfermeiro não consentindo a entrada do snr. dr. Almeida no Hospital d'esta villa. Como a discussão n'este ponto lhes não serve, fogem.

Na camara são precisamente os mesmo. Dirigem a vingança para um certo ponto, depois veem os inconvenientes que d'ahi lhes resultaria e mudam de tastica.

E' a prova de que, cegos no furor da vingança, nem tomam tempo para pensar devidamente, nem cohonestar ao menos o seu procedimento. Uns verdadeiros lazaros!

Ainda mesmo na fuga não deixaremos o Cunha. Já agora tomámos este caso a serio e não ha remedio senão seguir a discussão no campo em que a queiram collocar.

Já em tempo vimos um aranzel perfeitamente egual ao que agora ouvimos ler. Cremos que foi quando o jornal do Cunha annunciou aos seus poucos correligionarios que estava afinal satisfeita a sua vingança—que tinha sido demittido de medico do partido municipal d'este concelho o sr. dr José Nogueira Dias d'Almeida. Então deixámos passar se correctivo os erros e mentiras de que vinha recheado para armar ao effeito, para mostrar que a camara transacta, na questão medica. exercera uma patronata escandaloso, mantendo dous partidos medicos sem necessidade absolutamente nenhuma, emquanto, até ahi, houvera apenas um.

Analyzemos a fuga por partes.

*

Allega o Cunha que em toda esta questão apenas procura fazer economias para o concelho, pois nem sequer nutre odio ou mesmo má vontade contra o sr. dr. José Nogueira Dias d'Almeida.

Ora o santinho! Aquella pomba sem fel, verdadeiramente *olympica* em toda a sua magnanidade tem lá odio a alguem, e muito especialmente contra o sr. dr. Almeida, que até hoje só lhe tem dado interesses, lhe tem levado para casa os avindos ás duzias, não inchendo os muitos presentes!

Chegados a este ponto já nos não devemos admirar de cousa alguma. Se a confissão quaresmal teve o soberano poder de converter assim o Cunha, o celebre Cunha, então os milagres de que resam as escripturas sagradas passam a ser cousa insignificante ao lado d'este.

Mas o homem, da-nos a razão do seu dito—eu não me importo com esse medico, porque elle não presta para nada.

Ora cá o temos no mais alto da sua basofia e usando dos seus conhecidos meios de desacreditar. Já antes de vir para esta terra o sr. dr. Almeida, o Cunha empregava frequentemente eguaes expressões para depreciar todos os seus collegas, fazendo reclame aos seus merecimentos pessoaes. E como ninguem o conhecia então bem, como ninguem se dava ao trabalho de contraminar esta guerra surda e desleal, foi elle adquirindo uma reputação bastante alta que se traduzia em castiçaes de prata e grilhões de ouro, por signal *apanhados* d'uma forma bastante escandalosa.

D'essa guerra desleal teve a paga condigna quando, entallado, appelou para a união de classe e camaradagem. Tinha procedido como um villão, queria depois obter em troca a mais desinteressada lealdade.

O homem, que á força de intrigas e de intrugices procurava arredar do campo os outros collegas mais antigos; o homem, que surda e traiçoeiramente emprezava artificios fraudolentos para guerrear aquelles a quem chamava amigos e, d'entre os collegas, um que lhe estendera as mãos e lhe dera esmolas para a sua formatura, pode lá ter rancor a um medico que lhe venha tirar quasi todos os avindos. quasi todos os interesses, e provar a todo o conselho com dados positivos que essa luminaria da sciencia apenas tem orgulho e immodestia?

Pelo amor de Deus não venham dizer d'esses dislates, nem collocar a questão em tal ponto. Obrigam-nos a tocar em chagas que nunca queriamos expor ao sol. A vida d'esse lazaro está por tal forma inçada d'ellas que bulindo em todos poder a rebentar uma furiosa ipedemia.

Mas passemos do odio a outros pontos.

*

Ainda mais uma outra chaga em que temos a bulir, mas, como acima mostramos, a culpa não é nossa. Só provocados e em nossa defesa pura e simples dizemos o que a custo quereriamos evitar.

Vimos que o mandado para primeira intimação, feita pela camara, depois do accordam do Tribunal Administractivo d'Aveiro de 26 de fevereiro do corrente anno, estava assignado pelo medico sr. João d'Oliveira Baptista, vice-presidente outr'ora aposentado e agora em serviço activo, ao que parece. Nada dissemos a isto, porque como o sr. João Baptista tinha andado affastado da questão medica, esperamos que os effeitos da *reconciliação sincera* abrandassem um pouco e que este medico viesse ao seu estado normal. Nunca o acreditamos embrulhado na tal vingança porquissima, como nunca o vimos embrulhado nas arruaças.

Afinal somos obrigados a trazel-o á arena, por simples amor á verdade. O sr. João Baptista figura no aranzel como comparsa, é verdade, mas figura por um modo alterado, e nós queremos que figure, como deve figurar.

Assim diz-se que fallecendo o facultativo municipal José Damião de Carvalho se formou e veio para esta villa o facultativo sr. dr. Amaral sendo logo provido no cargo anteriormente vago e que depois se formara e viera para esta villa o facultativo sr. João d'Oliveira Baptista. Os partidos medicos não se augmentaram e só quando se formou o dr. João Maria Lopes foi creado o partido de Esmoriz.—Isto é o que elles dizem, agora a verdade.

Antes que o sr. Amaral se formasse veio para esta villa o facultativo sr. João d'Oliveira Baptista. Aqui esteve em paz e ás moscas durante uma boa porção de mezes, pedindo e instando com a camara transacta para que o admittisse no hospital d'esta villa, creando para esse effeito um novo partido medico. Conhecemos perfeitamente estas instancias e ninguem ha que em boa fé as possa negar. Então apesar de se não manifestar a necessidade de um novo partido, tanto mais que n'esse anno ainda não tinham sido annexadas a este concelho as tres freguesias do norte—Maceda, Cortegaça e Esmoriz, estava no animo da camara crear o novo partido para auxiliar e animar no principio da sua vida um medico nosso con-

terraneo, se não houvesse um grave inconveniente.

O partido municipal deveria estar a concurso e sendo assim o sr. João d'Oliveira Baptista não seria provido n'elle logo que apparecesse um concorrente, visto as suas cartas estarem bastante sujas. Assim o fim para que o novo partido ia ser creado estava totalmente perdido, sem vantagens para o concelho e sem vantagens para o nosso conterraneo.

Só depois d'isto foram annexadas as tres freguezias do norte do concelho. Um augmento grande de população, a maior área do concelho demandavam mais medicos. Os partidos mal retribuidos de cirurgia não attrahiam concorrentes. Formou-se o sr. dr. João Maria Lopes e prestou-se por quantia exigua a desempenhar as funções de medico do partido municipal n'aquellas freguesias; o dever da camara era crear esse partido, cuja necessidade se impunha havia muito tempo. Creou-se o partido.

Hoje, como ha muito tempo advogamos a necessidade da creação d'um partido medico com sede n'uma d'aquellas freguezias. E' muito o que aquelles povos pagam para o municipio, e muito pouco o que recebem em troca dos seus sacrificios.

O que ha de condemnavel pois em todo este procedimento da camara transacta?

Nada, absolutamente nada.

Mas aos diffamadores não convem a exposição clara e intidados factos. Intrigam e intrujam, porque d'este reles expediente teem vivido. E para isto sustentam um desgraçado que se vendeu por 250$000 réis, e que todos os dias pratica as scenas mais desgraçadas do mundo.

A respeito da demissão do Cunha de medico de partido municipal e da creação do novo partido fallaremos em outro artigo.

RISCOS

A procissão de penitencia e os limonadas—Atravez da Praça.

Findára o sermão da quinta-feira e na sachristia os irmãos dos Passos questionavam sobre a procissão do enterro. De lado a lado se deduziam argumentos os mais convincentes para mostrar que Christo fôra conduzido ao sepulchro de noute e não de dia. Cá fóra o povo servia a grandes haustros o ar puro, e morno de uma bella tarde primaveril.

Não comprehendia aquella insistencia dos irmãos dos Passos se alguem me não dissesse que elles, na sua maioria, tinham verdadeiro horror á luz, porque viviam sempre em trevas.

Os irmãos terceiros é que se não importavam com isso. Cá em baixo, na capella da Ordem iam attacando os habitos pesados, collocando-se ao lado dos despidos andores, encarapuçando uns aos outros as finas cordas de esparto, symbolo da penitencia, da modestia.

Gosto de vér os irmãos terceiros n'aquella faina, e tenho-lhe o meu bocado de respeito, porque afinal de contas alli não ha por emquanto o luxo que deprecia e estraga as outras irmandades dos santinhos. E' certo que nem todas aquellas almas estão devotadas á penitencia, pronptas a satisfazer as regras prescriptas na ordem de S. Francisco, mas ao menos eu creio (ninguem desfaça esta illusão se o fôr) que haja algumas e tanto basta.

A noute estendeu as longas azas (estylo inchado) e a *matraca* devia dar o signal do sahimento. Por signal este anno faltou a caracteristica *matraca*, a cousa mais indispensavel á procissão de penitencia.

Na frente a cruz ladeada por duas despretenciosas lanternas. Um grande silencio e uma grande lacuna. Ao subir as escadas despontou o Senhor amarrado á columna e logo atraz o Senhor da cana verde. Outra vez uma grande columna. Na frente do Senhor dos Afflictos, um grande tropel de irmãos, alguns de archotes accesos formando duas alas simples. No couce da procissão o padre comissario acolytado por dous irmãos devotos.

Decididamente, a unica cousa com que embirrei foi com os irmãos agglomerados na frente do ultimo andor, emquanto que ao lado dos outros não se via um só. De resto tudo aquillo é bom, é talvez a unica cousa boa que temos em tal genero.

O aspecto monotono e lugubre da procissão cala bem no animo do povo, produz o effeito salutar da pratica da penitencia em exposição, convida á oração. Lembro-me de que, quando creancita, aquelle *misérere*, tão desafinado, me arrancava verdadeiras lagrimas. E o povo nas suas manifestações collectivas e principalmente relegiosas, commove-se, deixa-se arrastar como uma creança. As luctas do seculo ainda não mirraram as suas crenças, as doutrinas materialistas ou scepticas ainda lhe não lançaram na alma a aridez desconsoladora. Feliz o povo que crê.

Por isso eu adoro os irmãos terceiros e mais as suas procissões; elles lá vão mudos, solemnes, seguindo as ruas, sem charanga atraz de si. E' a pratica da relegião em toda a sua nudez, em toda a sua pompa.

Contristado eu vi que os facinoras e os selvagens cheios de crimes, os limonadas vis fogem d'estas procissões, fogem de penitencia. Effectivamente n'aquelle grupo de penitentes, n'aquelle meio sancto, purificado pela penitencia, elles não tem logar: elles não deviam alli ir. Os remorsos fundos obrigam-os a fugir da cruz, quando ella se levanta silenciosa, muda como arguindo os crimes d'essa raça maldicta herdeira dos antigos Berlengas.

Elles fogem da religião, elles fazem da penitencia, no meio d'um povo crente, d'um povo religioso não teem sabida. E se algum d'elles força aquella entrada, é só para pôr a nota má, para manchar.

Limonadas, não vos penitenciaes dos vossos erros, dos vossos crimes, porque o não podeis fazer! Só depois de regenerados pelo castigo dos homens sereis admittidos á pratica da religião!

Eram dez horas e meia quando atravessou a Praça. Todo direitinho, como um espartilhado: o bigodito muito retorcido aos cantos da bocca: barbeado de fresco e o cabello preso a *cosmetique*—um verdadeiro *boneco de chiar*.

Não se advinhava por debaixo do *pardessus* a casaca solemne, porque ella se viam bem as duas abas a negrejar um palmo abaixo do dito *pardessus*. Uma figura comica, tomada a serio.

Ninguem.

DOS OUTROS JORNAES

—

O «Seculo» jornal republicano aprecia assim a manifestação de que foi alvo o sr. conselheiro Pinheiro Chagas:

«Os deputados da maioria, como fidelissimos capachos do governo, obedecendo ás ordens do sr. Marianno, commetterem a insigne cobardia de fugirem como villões ao chicote punidor vibrado pela mão de Pinheiro Chagas. Fugiram, sim! fugiram, porque é fugir o deixar de comparecer, quando depois de se atirar a pedra appaerece um homem a tomar-vos contas e vós vos escondeis!

O governo fugiu, e fugindo commetteu a dupla villania de ter accusado pela bocca do sr. Marianno, e não querer agora a defeza, transformanda em accusação: e porque com essa fugida desconsiderou a opposição. A desconsideração não foi apenas feita a um homem, foi feita ás opposições que esse homem hontem representava por ordem de inscripção.

Mas o governo fez bem. Não se enlameou porque é impossivel enlamear-se a lama. E com o seu procedimento torpissimo deu aso a que o sr. Pinheiro Chagas, posto frente a frente d'esse governo corrupto, fosse vehementemente acclamado. E cada vez que as mãos da massa enorme que acompanhava o distincto orador se elevavam em applausos estrondosos, parecia ouvir se o estalar das bofetadas nas faces estanhadas do governo.

A manifestação de sympathia feita hontem ao sr. Pinheiro Chagas não foi apenas uma manifestação pessoal nem uma manifestação partidaria: foi uma manifestação collectiva contra o governo progressista.

Quando o sr. Pinheiro Chagas descia as escadas das côrtes, o povo, que estava para entrar para as galerias, rompeu n'uma salva de palmas, secundada pelos deputados, qne romperam dando vivas.

A indignação era geral contra a biltraria governamental.

No largo das Côrtes o sr. Pinheiro Chagas foi vivamente acclamado. D'entre a multidão bradou uma voz: «Acompanhemol-o!» E logo vozes varias: Isso! isso! viva Pinhesro Chagas!»

*

O perguntar-se onde está a outra metade do pagamento dos 449 contos entrou agora em moda. Assim o «Jornal da Noite» respondendo ao «Diario Popular» diz:

«Fr. Cyrillo da Outra Metade atira-se a nós como gato ao bofe porque posemos em evidencia o seu argumento de cabo de esquadra, empregado para provar que se não podia deixar de ter ago os 400 e tantos contos, metade dos quaes foi engordar as bolsas de amigos e compadres.

Fr. Cyrillo diz que, se a divida fosse vendida a um estrangeiro, e houvesse reclamação diplomatica, o governo teria de pedir auctorisação ás côrtes para pagar. Confessa, portanto, que pagou sem auctorisação das mesmas côrtes. Como agora é tempo santo, fr. Cyrillo não quer mentir.

O que fr. Cyrillo não conta, porém, é aonde está a outra metade.»

E o «Diario Illustrado» attaca a *outra metade* em verso.

OFFICIO DE TREVAS

—

Trevas espêssas! Escuro
E' todo o ceu; carregado.
De negro veste o futuro,
Veste de negro o passado,
Que nem tenue claridade
Luz sobre a *outra metade!*

Deus de Israel, que um sacrario
Tens em nossos corações.
E que subiste ao Calvario,
Morrendo entre dois ladrões
Dos antigos... que os modernos,
Comendo ração em barda,
Já não descem aos infernos,
E andam cá, vestindo farda;

Deus de Israel, pelas chagas
Que no teu corpo soffreste;
Pelo suor cujas vagas
Eram sangue que verteste;
Pela sêde abrazadora
Que tu, ó Deus, padeceste
N'aquella tremenda hora
De uma tão dura agonia,
Em que a Mãe immaculada
Erguendo os olhos te via
Morrer, á cruz abraçada.

Faze que um raio divino
Da tua doce bondade
Nos mostre, emfim, o destino
Que teve a *outra metade*,
E que uma luz nova e bella,
Qual outra á terra não veio,
Rasgue das trevas o seio,
E nos diga: *Aqui está ella!*

Pelo mal que te fizeram
Os judeus que te prenderam,
Pelo bem que nos fizeste,
Quando n'uma cruz morreste.
Deus d'amor, Deus de bondade,
Ouve-nos bem lá do ceu:
Rasga das trevas o veo,
Descobre a *outra metade!*

Novidades

Estada.—Chegou a sua casa de Vallega, accompanhado de s. ex.ma esposa o nosso distincto amigo dr. José Maria de Sá Fernandes, digno juiz Municipal de Sabrosa.

De visita estiveram entre nós o nosso amigo Antonio Augusto d'Abreu e ex.ma esposa.

Doença.—Continua incommodado o ex.mo sr. dr. Vicente Pedro de Carvalho e Souza. S. ex.a tem encontrado algumas melhoras nos ultimos dias. Que as melhorrs continuem é o nosso mais vivo desejo.

O Calote.—A camara ou antes o secretario da camara ainda se não resolveu a pagar ao professor de instrucção primaria e complementar d'esta villa, snr. Casemiro das Dores os seus ordenados e gratificações em debito ha 3 mezes.

Segundo nos contam o sr. Casemiro tem pedido ao presidente da camara que lhe mande pagar, o presidente promette e cremos que effectivamente tem vontade de cumprir, mas o secretario nega-se terminantemente a isso. Como o Cunha precisa do Angelo para o defender calla-se, sujeita-se a tudo quanto elle quer. Coitado, pobre homem! Afinal é mais desgraçado do que mau. Na camara todos fazem o que querem, menos elle que é o unico que somente obedece.

Não exporemos aqui os motivos porque o tal Angelo não quer pagar ao sr. Casemiro das Dores.

São de tal modo ridiculos que provocam verdadeiro nojo.

Mais tarde fallaremos.

Publicações. — Recebemos os n.os 6 e 7 do IV anno da «Revista do Fôro Portuguez» de que é redactor o sr. Barão de Passô Vieira.

Interessante como sempre esta Revista.

O n.º 6 inicia uma serie d'artigos sobre a *Liberdade condicional dos condemnados*, a proposito da lei de 31 de maio de 1888 publicada na Belgica. Este artigo comprehende apenas a exposição dos principios consignados n'aquella lei tão importante pela grande revolução que vem causar no regimen pessoal e que em muito se prende com o systhema penitenciario.

A liberdade condicional dos condemnados, apesar de já traduzida em lei, um problema a resolver e a *Revista do Fôro Portuguez* analisando-a procura conservar-se a par das evoluções da sciencia juridica.

—O n.º 10 da 3.ª serie da Gazeta dos Tribunaes Administractivos. Este jornal de jurisprudencia continua na sua secção doutrinal a desenvolver com proficiencia os *processos de descaminho*. Ninguem ignora a importancia que tem o estudo d'esta especie de processos.

De resto continua publicando grande numero de accordãos dos Tribunaes Administractivos e que são um dos maiores subsidios para o estudo d'este ramo de direito.

COMMUNICADO

Snr. Redactor.

Peço a v. a fineza de transcrever do n.º 2572 do jornal o «Seculo» de 11 de abril de 1889 o seguinte artigo:

O abbade de Ovar

Os snrs. prelados dos varios bispados do paiz andam muito incommodados e apprehensivos com o que elles chamam os desacatos á religião.

E promovem processos judiciaes contra os delinquentes, a quem perseguem como cães damnados, com todo o seu odio e rancor.

Parecerá isto aos bons catholicos justo e correcto, pois é de suppôr e muito de acceitar para elles que os inimigos da luz religiosa se conservam apenas entre os seculares, estes pobres diabos que não lêem o *syllabus* e que não respiram o incenso. Ora nós temos todo o empenho em mostrar que os infieis nem sempre são os seculares, os que não compulsam a biblia, e que entre os orthodoxos tambem ha infieis.

Ahi vae um exemplo: agarremol-o pelos cabellos e ponhamol-o á admiração dos coevos.

Esse exemplo é o abbade de

Ovar. Este varão arvorou-se em legislador, e legisla lá para a gente da terra com uma arrogancia incrivel. E' claro que a sua lisgislação se refere sempre aos seus interesses pecuniarios, e pouco importa que as suas leis sejam absurdas ou abusivas.

Assim, o abbade de Ovar entende que os seus freguezes não podem ser enterrados sem que ao generoso abbade se pague, além do que está indicado na tabella geral de emolumentos, mais as seguintes verbas:

Meia cabeceira....	6$400
Momenta.....	1$000
	7$400

Ninguem sabe o que vem a ser a tal *meia cabeceira* e a tal *momenta*, mas o abbade não se importa com a ignorancia publica, o que quer é os taes 7$400 reis, além dos outros emolumentos. E é tão rigoroso n'esta evangelica extorsão, que não auctorisa o funeral dos parochianos sem que primeiro lhe paguem aquella verba, ainda mesmo que a familia do finado tenha de vender alguns bens que possua, como já tem succedido.

Mas não é só isto:

O abbade de Ovar tem tendencias para ministro da fazenda. Lança impostos a seu bel-prazer, impostos de que elle proprio é o cobrador. Assim, cada casal, ainda que não viva na sua freguezia, é obrigado a pagar ao padre uma taxa annual de 120 reis. Succede que algumas familias pobres não pagam, por não poderem, aquella taxa.

O abbade não perde o seu dinheiro. Aguarda que um parente d'essa familia lhe requisite qualquer documento, e então obriga o a pagar tantas vezes 120 reis quantos são os annos em divida, além do juro que elle entende dever taxar, sem o que não passa os documentos pedidos. Os naturaes da freguezia, quando ausentes de Ovar, se um dia teem que pedir certidões, o abbade só as passa depois de ter recebido 4$500 reis.

E' a *taxa da ausencia*! E depois recebe os emolumentos das certidões que passa.

E assim, o abbade de Ovar amontoou uma fortuna de que está gosando.

Evangelico e piedoso pastor d'almas, o teu reino não é n'este mundo: é no mundo dos agiotas e usurarios.

Tudo, porém, quanto fazes, é pelo amor da santa egreja e da tua... barriga!

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATAÇAO

2.ª *publicação*

No domingo 5 de maio proximo pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, hade ser posto em praça, para ser arrematada por preço superior ao da respectiva avaliação, o predio abaixo declarado, penhorado aos executados Antonio da Silva Nataria e mulher, do logar da Ponte Nova, d'esta villa, na execução hypothecaria que lhes move José d'Oliveira Vinagre, viuvo, nogociante da rua do Picôto d'esta mesma villa:

Uma morada de casas terreas na rua dos Bombeiros Voluntarios do Porto, da costa do Furadouro, d'esta comarca, a confrontar, do norte com uma viella, sul com aquella rua, nascente com predio de Antonio Lourenço Ferreira e de poente com o do Manarte, genro de Francisco Pereira Carvalho, avaliada em réis 700$000.

Para a arrematação são citados quasquer credores incertos.

Ovar, 10 d'Abril de 1889.

O Juiz de Direito
Salgado e Carneiro.

O Escrivão
Franeisco de Souza Ribeiro.

(136)

ANNUNCIOS

Marcenaria

Joaquim Gomes da Silva antigo official da casa Farraia, acha-se estabelecido por sua conta na Travessa da Fonte, onde desde já faz toda a qualidade de obra pertencente á sua arte.

Espera ser procurado por todos os seus freguezes.

Vae. sendo preciso envernisar obra, a casa dos freguezes, ou envernisa-a na sua loja.

(Preços commodos)
Travessa da Rua da Fonte, 4
OVAR

Relojoaria Farraia

Augusto da Cunha Farraia participa ao respeitavel publico que desde o dia 14 abriu um novo estabelecimento por sua conta, onde se encontram differentes relojos, taes como: despertadores de nickel de muitos gostos, assim como relojos de prata e nickel, pequenos de bolso, e variadas correntes, etc., etc.

Tambem concerta relojos e caixas de musica.

Pede aos seus freguezes e amigos que visitem o seu estabelecimento.

8—RUA DA PRAÇA—8
Em frente á casa do Ill.mo Snr. Francisco Rodrigues da Silva.
OVAR

Agradecimento

Impossibilitados de testemunhar d'outro modo o nosso profundissimo reconhecimento prra com as pessoas que de qualquer maneira nos deram provas de sua amisade e condolencia, no funesto transe por que acabamos de passar, o fallecimento de nossa extremosa mãe, sogra, irmã e avó Maria d'Oliveira Pinto, servimo-nos d'este meio para lhes manifestar-mos bem publicamente a nossa gratidão.

Crendo dar assim cumprimento ao nosso dever ainda que imperfeito e não como queriamos, de novo nos confessamos immensamente gratos.

Ponte-Nova d'Ovar 10 d'Abril de 1889.

Antonio de Sousá Campos
Maria Emilia do Espirito Santo
Bernardo Soares Balreira
Francisco José Soares da Costa
Antonio Soares Balreira (ausente)

DESPEDIDA

Bernardo Fragateiro da Silva Bonifacio tendo de retirar-se d'esta villa despede-se por este meio de todos os cavalheirss que o cumprimentaram, visto não o poder fazer pessoalmente.

Ovar, 11 de abril de 1889.

Bernardo Fragateiro da Silva Bonifacio.

SEMANA SANTA

Silva Cerveira recebeu uma variadissima collecção de cartonagens francezas e inglezas desde o modico preço de 60 réis até 5$000.

Amendoa de Lisboa de finissima qualidade, desde 240 até 400 réis o arratel.

Amendoa franceza.

Livros de missa.

Ricas caixinhas com lenços de linho.

Perfumaria ingleza de *Atkinson*.

» franceza dos melhores auctores e bem assim o melhor sortido de mantas para pescoço.

Alem d'estes artigos, tem muitos ouoros que estão expostos na

LOJA DO POVO
Praça—OVAR.

Agradecimento

O abaixo assignado mulher, filhos, genros, cunhado e sobrinhos do fallecido José d'Oliveira Feixão, agradecem d'este modo já que lhes é impossivel pessoalmente, a todos os que se dignaram cumprimental-os por fallecimento do mesmo marido, pae, sogro, cunhado e tio, protestando-lhes todos leal gratidão.

Josepha Pereira dos Santos.
Maria Pereira dos Santos.
Rosa Pereira dos Santos.
Antonio da Fonseca Soares.
Manoel da Fonseca Soares.
Francisco dos Santos Salgado.
Francisco Ferreira Lamarão.
Francisco Ferreira Samara Junior.
Manoel Ferreira Samorão Junior.
José André Redes.
Manoel Nunes Lopes.

Agradecimento

Anna Gomes Fragateiro, Maria Gomes Fragateiro e familia, Bernardo Fragateiro da Silva Bonifacio e familia, José da Silva Bonifacio e familia, Maria José Fragateiro, Domingos da Silva Bonifacio e familia, Bernardo da Silva Bonifacio e familia, José Fragateiro de Pinho Branco e familia, João Fragateiro de Pinho Branco e familia e João da Silva Bonifacio e familia agradecem os cumprimentos que lhes foram dirigidos por fallecimento de seu marido, pae, avô, irmão, cunhado e tio, Francisco da Silva Bonifacio.

Ovar, 11 de Abril de 1889.

VENDA DE UM PINHAL

Vende-se uma leira de pinhal, sito no Matadouro, que confina do norte com Marianna Malhadares e rua publica, do sul com José Pacheco Polonia, do nascente com José d'Oliveira Vinagre e do poente com o dr. Chaves.

Quem pretender dirija-se á redacção d'este jornal.

Sá de Mirandella
CARTA A EL-REI D. LUIZ I

PREÇO 50 REIS

Encontra-se á venda em todas as livrarias

NOVA OFFICINA LISBONENSE

DE

Francisco de Oliveira Carvalho

RUA DOS CAMPOS

OVAR

Participa que abriu a sua nova serralharia mechanica. N'esta officina faz-se toda a qualidade de bombas para poços e para jardins, cosinha e de elevação de agua, Estas bombas aspiram em grande comprimento; assim como moinhos authomaticos para tirar agua servindo de motor o vento.

Alem d'isto tambem se faz toda a qualidade de portões de ferro, grandes, fogões etc, torneiras de bronze e de latão, valbulas para toneis, prensas para expermer bagaço; torneamento em ferro, letão e madeira, etc.

Fundição de cobre, bronze, latão e zinco.

Trabalhos

zinco, cobre, chumbo e outros metaes

O proprietario encarrega-se de todo o trabalho concernente á sua arte

OVAR

PREVENÇÃO

Joaquim Gomes da Sivla com loja de marceneiro, na Travessa da Fonte d'esta villa, constando-lhe que alguem tem contrahido dividas em seu nome e sem a sua auctorisação declara por este meio que não se responsablisa por qualquer divida que para o futuro alguem contrahir sem a sua previa auctorisação e assignatu-

Ovar 17 de Fevereiro de 1888.

Joaquim Gomes da Silva.

ANNUNCIO

Um mancebo recrutado que obteve no sorteio d'esta freguezia numero inferior ao numero de mancebos que são chamados para preencher o contigente pretende trocar o seu numero por o de um mancebo a quem tocasse o numero superior.

Quem desejar fazer a troca deve dirigir-se a esta redacção.

Venda de casa

Vende-se uma casa com quintal e mais pertenças, sita na rua do Sobreiro d'esta villa, quasi á entrada da mesma rua.

Para tractar com José Ferreira de Souza, na mesma rua.
OVAR

Antonio Ribeiro da Costa

DA

ESTAÇÃO D'OVAR

Agente de diversas Companhias de vapores para todo os portos do Brazil, Rio da Prata e Pacifico, vende passagens por preços moderados.

Tambem dá passagem gratis a familias para o Rio de Janeiro.

Para mais explicações dirigir-se á Agencia, a Estação d'Ovar.

Teem calos?

Usem o Topico anti-caloso de B, Leão, que dentro em 4 dias os verão desapparecer completamente.

Preço por frasco.. 200 reis

A' venda na

Pharmacia Vieira

(Successor B. Barboso Leão)

RUA DE CEDOFEITA N.° 9
PORTO

E mais nas seguintes pharmacia Neves, Mattosinhos; Alvãs Villa do Conde; Carvalho Horta Pharmacias. em diversas outra provincias.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE OVAR

(OVAR)

Esta typographia completamente habilitada encarrega-se de todo o qualquer trabalho consernente á sua arte, a toda qualquer côr, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornaes, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas, etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris, uma grande variedade de typos e vinhetas.

Preços o mais rasoaveis possiveis